Suplemento do Património

Mensal | Ano 14 | N.º 115 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Alentém em 1758:
memória paroquial, toponímia e património

Cristiano CARDOSO e Luís SOUSA***

1. INTRODUÇÃO

O Inquérito Paroquial elaborado em 1758 sob a égide de Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal, então Secretário de Estado do Reino de D. José I, é uma obra de incontornável referência para quem se abalança em estudos de índole local, regional ou mesmo supra-regional. Embora possibilite contributos para o desenvolvimento de uma grande variedade de temáticas, as Memórias Paroquiais merecem-nos aqui sobretudo especial atenção nas questões incidentes sobre a realidade patrimonial, particularmente na composição do panorama vigente no tocante a sítios arqueológicos e de carácter monumental, bem como sobre as personalidades concelhias emergentes na época.

Há uma larga tradição corográfica, arqueológica e de outros campos da investigação no estudo e exploração das *Memórias Paroquiais* desde o século XIX. Arqueólogos e epigrafistas como Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos, Pedro A. de Azevedo, G. Pereira, A. Mesquita de Figueiredo, em sondagens mais ou menos desenvolvidas às Memórias Paroquiais, retiveram algumas informações, fixaram alguns campos temáticos para a Arqueologia e Epigrafia e sublinharam a importância destas Fontes para estes estudos. A Corografia teve em Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno,* o seu mais largo e sistemático explorador[1]. Estes e outros trabalhos de menor folego serviram-nos de modelo para a composição do presente texto assim como dos que se seguirão nesta linha de investigação. Neles transcreveremos a memória respeitante a cada uma das freguesias lousadenses inquiridas em 1758 e teceremos apontamentos às personalidades e ao património histórico, arqueológico e monumental contido nas referidas Memórias.Pretende-se deste modo concorrer para a sua divulgação junto dos lousadenses e dos demais interessados, assim como objectivamos o desenvolvimento de um compêndio de dados devidamente enquadrados e organizados para melhor consulta por parte dos mais variados investigadores que pretendam abalançar-se em estudos integrados a distintas escalas espaciais.

São Mamede de Alentém constituiu uma freguesia autónoma até 1834, momento em que foi anexada à freguesia vizinha de Vilar do Torno. Terá recuperado temporariamente o seu antigo estatuto, contudo, em 1922, foi definitivamente extinta[2]. De origem medieval, Alentém vem já referida nas Inquirições de 1220, agregada à *terra de Santa Cruz*, e em 1258 ao julgado de Santa Cruz de Ribatâmega (concelho extinto com sede em Vila Meã). Foi uma das freguesias que compôs o julgado, e depois concelho, de Unhão, na sequência da doação de D. Fernando ao seu alferes-mor, Aires Gomes da Silva. Alentém ficará ligada ao concelho de Unhão até à reforma da divisão territorial de 1836 que ditou a extinção do concelho e a anexação das suas freguesias ao concelho de Barrosas. Esta agregação durou pouco mais de um ano, pois, logo em Abril de 1838 o concelho de Lousada foi restaurado e Alentém passou a figurar no elenco das suas freguesias, até hoje[3].

Em termos eclesiásticos São Mamede de Alentém pertenceu à diocese de Braga até 1882, passando a partir de então a integrar a diocese do Porto. A sua igreja era do padroado do mosteiro de Caramos, que apresentava o pároco com o título de vigário[4].

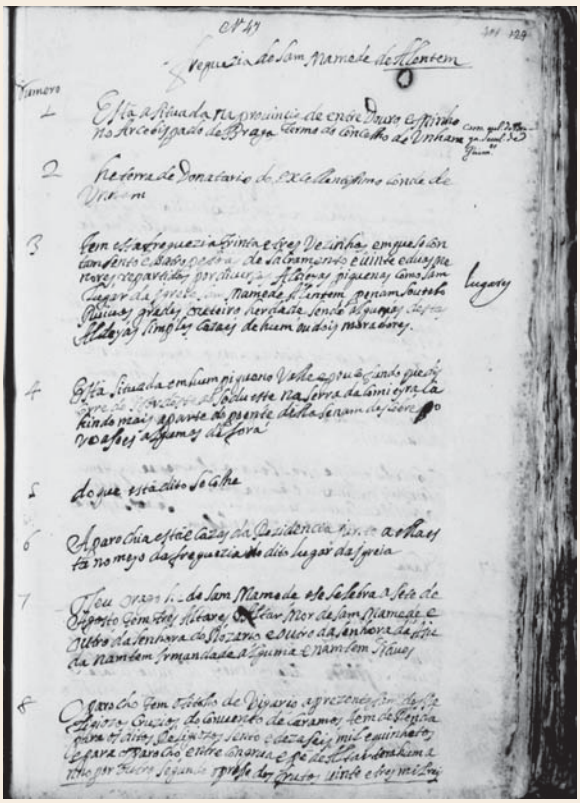

Fig. 1 - Folha de rosto da Memória Paroquial de Alentém.

* Técnico Superior de História. C. M. Lousada

** Arqueólogo. C. M. Lousada

[1] Pinho-Leal, A. S. d'Azevedo Barbosa de – *Portugal antigo e moderno (…)*, Lisboa, 1873-1890, 12 volumes.

[2] Cardoso, Cristiano e Silva, Elsa (2009) - *Igreja de São Mamede de Alentém in* **Revista Municipal.** *Suplemento do Património*. Ano 10, 3.ª série, n.º 69 (Nov).

[3] Cardoso, Cristiano (2013) - *Os 175 anos da restauração do concelho de Lousada in* **Revista Municipal.** *Suplemento do Património*. Ano 14, 3.ª série, n.º 109 (Jun).

[4] Capela, José Viriato; Matos, Henrique& Borralheiro, Rogério (2009) - *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. de Autor, p. 293.

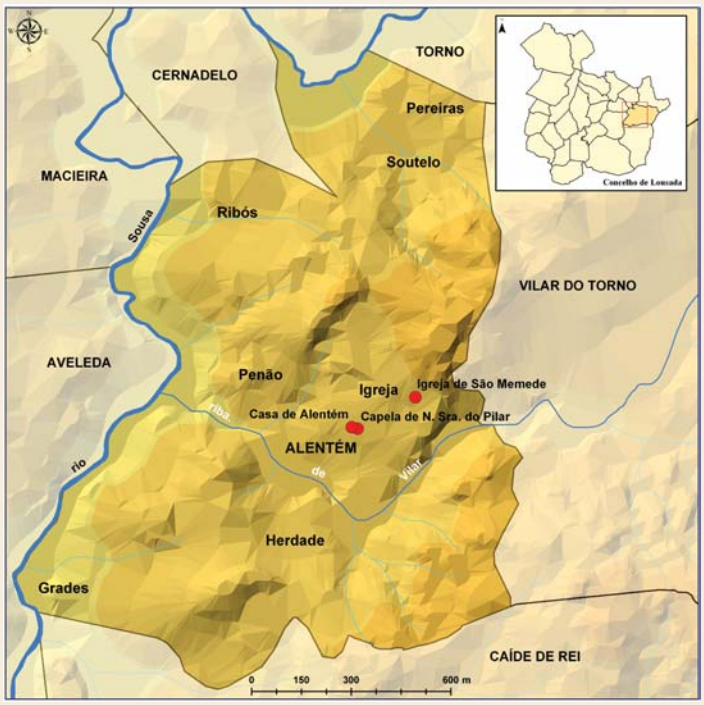

Fig. 2 - Área aproximada da freguesia de Alentém em 1758. Toponímia e Património.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL: TRANSCRIÇÃO

Freguezia de Sam Mamede de Alentém (Fig.1). **Numero 1.** Está assituada na Provincia de Entre Douro e Minho, no Arcebispado de Braga, termo do concelho de Unham. **2.**Hé terra de donatario do Excellentissimo Conde de Unham. **3.** Tem esta freguezia trinta e três vezinhos, em que se contam sento e coatro pessoas de sacramento, e vinte e duas menores, repartidas por diversas aldeias piquenas, como são lugar da Igreja, Sam Mamede Alentém, Penam, Soutelo, Ruivos, Grades, Outeiro, Herdade, sendo algumas destas aldeias simples cazaes de hum ou dois moradores. **4.** Está situada em hum piqueno valle, pouco fundo, que discorre do Nordeste ao Sudoeste, na serra da Comieira, cahindo mais à parte do Poente. Della se nam descobre povoassões algumas de fora. **5.** Do que está dito se colhe. **6.** A parochia está e cazas da rezidencia junto a ella, está no meio da freguezia no dito lugar da Igreja. **7.** O seu orago hé **Sam Mamede**, e se selebra a sete de Agosto. Tem três altares, o altar mor de Sam Mamede, e outro da Senhora do Rozario, e outro da Senhora da Ajuda. Nam tem irmandade alguma, e nam tem naves. **8.** O parocho tem o titollo de vigario, aprezentassam dos ReligiozosCruzios do Convento de Caramos. Tem de renda para os ditos religiozos, sento e dezasseis mil e quinhentos, e para o parocho, entre congrua e pé de altar, terá hum anno por outro, segundo o presso dos frutos, vinte e três mil reis. **9.** Nada. **10.** Nada. **11.** Nada. **12.** Nada. **13.** Tem huma capella de invocassam da Senhora do Pillar, pertencente ao Reverendo Doutor Christovam de Almeida Soares, contiga às cazas do sobredito. **14.** Nam acode a ellaromage alguma, em que haja tendas e bodegas, mas devotos da vezinhansa a frequentam, em diverças partes do anno. **15.** Os frutos que perduz a terra em maior abundancia hé milho grosso e meudo, painço e senteio e feijam e pouco trigo e sevada e bastante vinho verde de mediucre generozidade, alguma castanha e landre e frutas de toda a casta. **16.** O concelho em que está situada esta freguezia tem seu juiz ordinario e camera, que nam dam subjeissam a justissa alguma de outra terra, mas só aos supriore sordinarios, por agravo ou apelassam. **17.** Nada. **18.** Só tem florecido em Letras o Reverendo Doutor Christovam de Almeida Soares, que se acha de prezente Lente de Vesporas, e seu irmamJoam Soares de Brito[Lente] em Leis e [...] as cadeiras, ambos na Universidade de Coimbra, e aquelle na Faculdade de Cânones. E são pessoas illutres, e Antonio Barreto, irmão, fez Actos Grandes; existe na caza solteiro. **19.** Nada. **20.** Serve-se pelo correio de Arrifana de Souza, distante duas legoas. **21.** Dista da cidade capital de Braga, seis legoas e de Lisboa, sessenta. **22.** Nada. **23.** Nada. **24.** Nada. **25.** Nada. **26.** Nada. **27.** Nada. **Serra. Nº.1.** A serra em que está situada esta freguezia chama-se a Cumieira. **2.** Tem esta serra de comprido três legoas e de largo três coartos. Neste sitio principia da parte do Nordeste, no lugar da Lixa, para o Sudueste, em cuja parte acaba na villa de Arrifana de Souza. **3.** Nada. **4.** Só tem esta freguezia hum piqueno ribollo, que deduz sua origem da freguezia de Santa Maria de Villar do Torno, onde principia na parte suprema della, e cursando pello fundo do valle, segundo os rumos delle, entra nesta freguezia, onde fenece no rio Souza, com o curso só de hum coarto e meio de legoa. E hé nesta freguezia tam pobre de agoas, que se esgotam todas para regar os campos, com a providencia de reprezas. E só no tempo de Inverno tem atidam (*sic*, por aptidão) para rodar hum moinho unico, que nos lemites delle existe. E nenhum peixe perduz, porque no tempo de Estio fica exausto. **5.** Nada. **6.** Nada. **7.** Nam consta. **8.** Nada. **9.** Nada. **10.** Hé quente. **11.** Só se criam nella alguns coelhos, lebres, perdizes, porém de tudo pouco. **12.** Nada. **13.** Nada. **Rio. N. 1.** Pello fim desta freguezia, pella parte do Poente, corre o rio chamado Souza, que nace no concelho de Filgueiras, distante legoa e meia. **2.** Corre todo o anno e se forma em manciaes de agoa de diversas partes. **3.** Entram nelle mais assima o regato de Sanfins, na freguezia de Sam Pedro Fins do Torno, e o regato de Macieira, na freguezia de Cernadello. **4.**Nam. **5.**Hé de curso quieto, por estes destritos. **6.** Corre de Nordeste ao Sudeste. **7.** Cria peixes como são barbos, trutas, escallos, bogas, enguias grandes, sendo mais abundante de bogas e barbos. **8.** Nam há nelle pescarias regulares, mas só particulares, sem ordemento o tempo que namhédefezo. **9.** As pescarias são livres em todo o rio. **10.** Todas as suas margens se cultivam neste destrito, onde há fertelissimos campos, e na veira do rio se perduzem comummente amieiros, salgueiros e também carvalhos a que se acostam videiras para produssam de vinho. **11.** Nam se conhece. **12.** Conserva o mesmo nome athé o fim, e o principia a ter mais assima meia legoa, entre as freguezias de Unham e Pedreira, onde se unem dois brassos principaes, que ahinam tem nome proprio, e do contrarionam há memoria. **13.** Morre no rio Douro, mais abaixo seis legoas, no lugar chamado Souza, defronte da villa de Arnellas, assima da cidade do Porto, duas legoas. **14.** Só tem varias assudas para moinhos, que impidiriam navegassam, negado foce navegavel. **15.** Tem mais assima hum coarto de legoa, a unica ponte de cantaria de hum arco, chamada a Veiga, na freguezia de Sanfins e outros varios pontilhões de pau e pedra em diversas partes. E para baixo tem de cantaria arcoada, as pontes de Villella, Novelas, Sepeda, de que tenho noticia. **16.** Por todo elle, há muita copia de moinhos de rodizio e cal. E na freguezia de Sam Christovam de Lordello, dois lagares de azeite, sendo que hum está impedido de moer com as agoas ao prezente, e outro na freguezia de Villar. **17.** Nam conta. **18.** Os povos vezinhos uzam para a cultura dos campos libremente das suas agoas, onde há comodidade. **19.**

Fig. 3 - Igreja de São Mamede de Alentém.

Fig. 4 - Capela de N. Sra. Pilar.

Terá de curso, desde a sua origem, sete para oito legoas, e nam passa por poboassam momoravel, mais do que por baixo da villa de Arrifana de Souza. **20.** Nam me ocorre mais couza alguma digna de memoria a este respeito. E por verdade me assigno, com o Reverendo Francisco Jozeph de Souza e Azevedo, abbade de Santa Maria de Villar de Torno e com o Reverendo Caetano Pinto, reitor de Sam Pedro de Cahide de Rei, parochos mais vezinhos. Hoje, Sam Mamede de Alentém, e de Maio 18 de 1758. O vigario, Joam Teixeira Ozorio. O abbade, Francisco Jozeph de Souza Azevedo. O reitor, Caetano Pinto de Almeida.[5]

3. TOPONÍMIA, PATRIMÓNIO E PERSONALIDADES

3.1 Toponímia

A Memória Paroquial de 1758 concernente à extinta freguesia de Alentém é parca em dados toponímicos. Ainda assim cabenos aqui tecer algumas considerações que visam esclarecer, quanto possível, a sua origem etimológica. Na tabela seguinte são listados os topónimos, num total de nove, contidos na referida memória. Nela se coloca a forma denominativa da época, bem como a actual, que, como se verá, e pese embora a distância temporal, são de grafia pouco discordante.

3.2 Património

3.2.1 Igreja

O edifício da igreja de São Mamede de Alentém **(Fig.3)** é constituído por três corpos:nave única e capela-mor, divididos pela introdução de um arco cruzeiro de volta perfeita, e a sacristia, que se ergue no lado norte, na confluência dos dois corpos anteriores. Trata-se de um edifício muito simples que recorre a soluções arquitectónicas elementares e práticas. Destaca-se a frontaria, circunscrita por cunhais em aresta viva, que reforçam a solidez do conjunto e sustentam a empena de configuração triangular. Ao centro, o vão de entrada, de formato rectangular, e o frontão triangular que o encima conferem verticalidade e simetria à composição da fachada. O campanário, adossado ao pano norte da igreja, foi alvo de uma remodelação durante a segunda metade do século XX, que o elevou à altura da empena e modificou o remate original da sineira. A capela-mor, reconstruída nos finais do século XVIII a expensas do Doutor Cristóvão de Almeida Soares, revela um tratamento mais cuidado ao nível do recorte dos cunhais e do entablamento, sendo a empena rematada por pináculos[6].

3.2.2 Capela de N. S. do Pilar

A capela de Nossa Senhora do Pilar **(Fig.4)**[7] foi mandada construir pelo Doutor Cristóvão de Almeida Soares e Brito, da casa de Alentém, no ano de 1745, conforme consta do *Auto de Obrigação* feito para a sua fábrica. Este mesmo senhor, que viria a ser bispo de Pinhel, iniciou igualmente as obras de ampliação e remodelação do velho solar familiar, na segunda metade do século XVIII. A capela que hoje se observa na casa de Alentém nada evidencia da arquitectura original, mostrando ter sido profundamente alterada já no decorrer do século XX.

3.3 Personalidades

O inquérito paroquial no ponto n.º 18 questionava acerca de personalidades ilustres da terra que tivessem florescido em *virtudes, letras ou armas*. O padre memorialista destacou três irmãos provenientes da casa de Alentém, todos com percursos assinaláveis na Universidade de Coimbra.

Cristóvão de Almeida Soares de Brito

Nasceu na casa de Alentém e foi baptizadona igreja de São Mamede a 7.2.1701 pelo abade do mosteiro de Travanca, tendo como padrinho o padre João Soares de Brito, abade de Teixeira, seu familiar. Era filho de Gonçalo Pinto da Fonseca e de D. Francisca de Paiva Coimbra Gavião, senhores da casa de Alentém. Frequentou o prestigiado Colégio de S. Pedro e S. Paulo. Doutor em Cânones e Lente de Vésperas na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra. Em 1771 foi nomeado Bispo de Pinhel. Não era sacerdote, pelo que foi ordenado presbítero pouco tempo antes de tomar posse da diocese. Faleceu a 11.2.1782, nessa mesma cidade, ficando sepultado na igreja de São Luís. A ele se deve a fundação da capela de N. S. do Pilar, pertencente à casa de Alentém, tendo igualmente promovido profundas obras na casa. Patrocinou as obras da capela-mor da igreja de São Mamede.

João Soares de Brito

Nasceu em Alentém a 19.2.1711, onde foi baptizado pelo padre Pregador Frei Martinho da Assunção. Era irmão de Cristóvão de Almeida Soares de Brito e também seguiu o percurso académico em Coimbra onde foi Lente de Leis. Foi inquisidor na mesma cidade e nomeado cónego doutoral da Sé de Braga. Viveu em Coimbra e aí terá falecido.

António Barreto

Irmão dos anteriores, nasceu a 3.3.1707, sendo baptizado pelo abade de Teixeira, padre João Soares de Brito, tio, tendo como padrinho o tio materno António Barreto, morador em Braga. À semelhança dos irmãos, também realizou os seus estudos em Coimbra, tendo atingido o grau de licenciado ou doutor. Em 1758 já estava a residir na casa de Alentém, onde veio a falecer solteiro a 18.3.1791.

---

[5] IAN/TT, Memórias Paroquiais, vol. 2, memória 47, fls. 401-406. Capela, José Viriato; Matos, Henrique& Borralheiro, Rogério (2009) - *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. de Autor, p. 293 e 294.

[6] Uma análise mais aprofundada da igreja de São Mamede pode encontrar-se em Cardoso, Cristiano e Silva, Elsa (2009) - *Igreja de São Mamede de Alentém in***Revista Municipal.** *Suplemento do Património.* Ano 10, 3.ª série, n.º 69 (Nov).

[7] Foto obtida em: Gomes, Paulino (coord.) (1996) - *Lousada-Terra Prendada*. 2.ª edição. Paços de Ferreira: Anégia Editores. p. 127.

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Ref.as bibliográficas/Observações
Lugar da Igreja	Topónimo relacionado, por proximidade, com o sítio onde se acha erigida a igreja de São Mamede de Alentém.
Sam Mamede/São Mamede	Hagiotopónimo. Segundo J. P. Machado trata-se de um nome divulgado por influência eclesiástica. Este Santo padeceu o martírio em Cesareia de Capadócia em redor do ano 274 d.C. O termo deriva do latim eclesiástico «*Mammete*-,», com origem em idioma da Ásia Menor[8]. Desconhecemos como deu origem ao lugar. Eventualmente poder-se-á associar à proximidade com a igreja de que São Mamede é padroeiro.
Alentém	Antropónimo. A mais antiga referência ao topónimo Alentém remonta a 1163, achando-se mencionado num manuscrito existente em Coimbra. Em 1220 aparece sob a forma *Arentei* e em 1258 como *Arantey*[9]. J. P. Machado dá como origem similar Arantes, com raiz em *Aran*, e Alenquer em *Alen*-. Para Almeida Fernandes nenhuma tem razão de ser, apontando como origem mais provável uma «villa» *Arentenii*, de *Arentenius*[10].
Penam/Penão (de Cima e de Baixo)	Topónimo geográfico aumentativo de Pena. Do lat. «*p-nna*», no sentido de «ameia». Pode significar rochedo. Esta palavra tem grande distribuição em Portugal e Galiza, devendo tratar-se de expressão mais antiga que Penha, devendo esta ser de influência espanhola. O termo Pena e suas variantes pode representar também o céltico «*penn*-,», «*pen*-,», «cabeça», «cabeço», extremidade[11].
Soutelo	Fitotopónimo. Do latim «*saltellu*-,» diminutivo de «*saltu*-,» donde souto. A forma mais arcaica em Portugal de Souto é «*salto*» e está documentada em 915 (*PMH, DC*[12], 19). A forma intermédia - «*sauto*» surge, porém, mencionada em 870 (*PMH, DC,* 6)[13].
Ruivos/Ruivós/Ribós	Geo ou fitotopónimo. Está documentada a forma «Ribós» em Guimarães e Arcos de Valdevez e «Ruivo» em Vila Franca de Xira. Esta expressão encontra-se de igual modo no plural em Ponte da Barca, Monção e Vila Nova de Famalicão. O termo «Ruivós» aparece por sua vez representado no Sabugal. Ruivanhos, para Almeida Fernandes, tem origem etimológica em Ribanhos, topográfico, derivado de «Riba». Outras formas são apontadas por este autor, dando conta da dificuldade em determinar para o topónimo qual a sua real origem etimológica. Para além da razão topográfica anota que este nome pode de igual modo provir de "*Rubeales*> -aes (-ais), relativo à silva ou sarça (isto é, Ruivais…)"[14].
Grades	Geotopónimo/Antropónimo. Do lat. «*grâte*», em vez o clássico «*crâte*»[15]. J. M. Piel considera Grade um antroponímico, enquanto que J. P. Machado o dá como "Do subst. fem. *grade*". Também indica que J. Piel, liga este topónimo aos nomes híbridos (latino-germânicos) ou de raiz gótica[16]. Segundo Almeida Fernandes Grade tem origem no n. pessoal «*Gratus*» pelo genitivo «*Grati*» sc. «*villa*» de «*Gratus*», porém aponta outra origem, como designação predial, aqui significando sebe ou muro de recinto (predial ou castrejo)[17].Temos documentado o topónimo «Grades» no Tombo de Bens do Mosteiro de Paço de Sousa, de 1593, referindo-se à "Ponte de Grades"[18], estrutura viária situado no actual lugar de Barrimau, entre as freguesias de Aveleda e Caíde de Rei.
Outeiro	Topónimo de origem topográfica. O mesmo que cume, sítio elevado, que se destaca da topografia da envolvente. Citamos, como exemplo, a referência a «*Octerio*» em 1072 (*PMH, DC,* p. 312)[19].
Herdade	Topónimo geográfico. Do lat. «*hereditâte* -». Aparece documentado em Portugal, a título de exemplo, como «*eredidade*» em 965 (*PMH,DC*, 57), como «*erdade*» em 976 (*PMH,DC*, 73) e «*eredidate*» em 983 (*PMH,DC*, 84)[20]. O mesmo que quinta. Propriedade de expressiva dimensão, composta por *ager* e monte.

[8] Machado, José Pedro (1993) - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. II. Lisboa: Livros Horizonte, Ed. Confluência, p. 931.
[9] Machado, José Pedro (1993) – *op. cit*., vol. I., p. 89.
[10] Fernandes, A. de Almeida (1999) – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário.* Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, p. 34.
[11] Machado, José Pedro (1993) - *op. cit*., vol. III., pp. 1153-1154; Machado, José Pedro (1995) - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 7ª ed. vol. IV. Lisboa: Livros Horizonte, p. 335.
[12] *Portugal MonumentaHistorica - Diplomata etChartae*.
[13] Machado, José Pedro (1993) - *op. cit*., vol. III., p. 1367; Machado, José Pedro (1995) - *op. cit*., vol. V., p. 230.
[14] Fernandes, A. de Almeida (1999) – *op. cit*., p. 522.
[15] Machado, José Pedro (1995) - *op. cit*., vol. III., p. 169.
[16] Machado, José Pedro (1993) - *op. cit*., vol. II., p. 737.
[17] Fernandes, A. de Almeida (1999) – *op. cit*., p. 362.
[18] Andrade, Ambrósio de (1593) - *Liuro de tombo dos bens, direitos, padroados, comedorias, iurdições, passais, quintas, casais, propriedades...que foi do mosteiro de Sam Saluador de Paço de Sousa*… Euora: por Manuel de Lyra, fls. 572. Obtido em [site em linha]: http://purl.pt/14779.
[19] Machado, José Pedro (1993) - *op. cit*., vol. III., p. 1109.
[20] Machado, José Pedro (1995) - *op. cit*., vol. III., pp. 212-213.